

FORMAÇÃO RACIAL, NAÇÃO E MISTIÇAGEM NA COLÔMBIA

Marcio André de Oliveira dos Santos¹

Universidade Federal do Piauí

Programa de Pós-Graduação em Ciência Política

Recebido 15/10/2013

Aprovado 15/03/2014

Resumo: O artigo discute as relações político-institucionais estabelecidos entre movimentos negros e o Estado no Brasil e na Colômbia entre os anos de 1991 até 2006. Semelhanças e diferenças nos processos de “formação racial” e de projetos de nação no final do século XIX e início do século XX são levados em consideração na compreensão das atuações e mobilizações destes atores políticos junto a esfera estatal. As elites político-intelectuais de ambos os países fomentaram estratégias ideológicas em torno da valorização da mestiçagem racial com o propósito de desmobilizar ações em torno de reivindicações raciais e étnicas. No entanto, mudanças políticas e conjunturais após os anos de 1990 possibilitaram avanços significativos dos movimentos negros em torno de “políticas de promoção da igualdade racial”.

Palavras-chave: relações político-institucionais – elites político-intelectuais – promoção da igualdade racial.

RACIAL FORMATION, NATION AND MISCEGENATION IN COLOMBIA

Abstract: The article is a discussion of the political-institutional relations established between black movements and the state in Brazil and Colombia between the years 1991 to 2006. Similarities and differences in the processes of "racial formation" and national projects in the late nineteenth century and early twentieth century are taken into consideration in understanding the actions and mobilizations of these political actors at the state level. The political and intellectual elites of both countries fostered ideological strategies around the value of racial miscegenation in order to demobilize actions around racial and ethnic claims. However, political and cyclical changes after the 1990s enabled significant advances of the black movements around "policies to promote racial equality."

Keywords: political-institutional relations – political and intellectual elites – promoting racial equality.

Este artigo retoma argumentos desenvolvidos em um capítulo de minha tese de doutorado em Ciência Política intitulada “Políticas raciais comparadas: movimentos negros e Estado no Brasil e Colômbia.”² O referente trabalho discute as relações político-institucionais entre movimentos negros e Estado no Brasil e na

¹ E-mail: marcdre27@gmail.com

² Tese de Doutorado em Ciência Política defendida no Instituto de Estudos Sociais e Políticos da Universidade do Estado do Rio de Janeiro em 2011.

Colômbia em torno de “políticas de promoção da igualdade racial”³ entre os anos de 1991 até 2006. Neste capítulo, dedico-me a analisar as especificidades da “formação racial”⁴ no contexto colombiano a fim de comparar e, conseqüentemente, compreender mais profundamente aspectos da realidade brasileira, sobretudo entre fins do século XIX e início do século XX. Para Michael Omi e Horward Winant as “formações sociais estruturadas racialmente”, ou seja, a “formação racial” propriamente dita pode ser definida como

(...) um processo sócio histórico pelo qual categorias raciais são criadas, habitadas, transformadas e destruídas”. E ao mesmo tempo consiste em um “processo de projetos historicamente situados nos quais corpos humanos e estruturas sociais são representados e organizados.⁵ (Tradução do inglês pelo autor).

A construção nacional colombiana, a *colombianidade*,⁶ processo conduzido por suas elites político-intelectuais - literatos, cientistas, médicos, políticos profissionais -, entre as décadas de 1860 e 1910, tomava como espelho, inspiração e modelo a modernidade europeia. Neste sentido, a *colombianidade*, como ideologia nacional, pressupunha investimentos específicos em “políticas raciais racistas”,⁷ de caráter eugênico visando uma sistemática seletividade racial de seu povo por meio do incentivo à importação de trabalhadores europeus brancos, vistos como racialmente superiores. Embranquecer o “estoque racial” da

³ “Políticas de promoção da igualdade racial” constituem-se como conjunto de políticas públicas de corte racial, direcionadas a segmentos da população negra em todo país, tais como jovens, mulheres, quilombolas e universitários. As políticas de ação afirmativa, especialmente as cotas raciais, são as mais conhecidas. Por outro lado, as “políticas de promoção da igualdade racial” fazem parte de programas e ações institucionais da Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial – SEPPPIR. O pressuposto fundamental é o de que não há igualdade racial entre os diferentes grupos étnicos e raciais que constituem a sociedade brasileira, portanto é preciso promovê-la – por meio de uma série de ações de âmbito nacional, estadual e municipal.

⁴ Michael Omi e Horward Winant discutem o conceito de “formação racial” no livro OMI, Michael; WINANT, Horward. **Racial Formation in the United States: From the 1960s to the 1990s**. New York: Routledge, 1994. Rev. ed. p. 55-56.. Para uma apropriação do conceito no context latino-americano ver o artigo de RAHIER, Jean. The Study of Latin American “Racial Formations”: different approaches and different contexts”. **Latin American Research Review**, v. 39, n 3, p. 282-293, 2004.

⁵ OMI, Michael; WINANT, Horward. Op. Cit., p. 55-56.

⁶ Para uma discussão sobre *colombianidade* ver o artigo de RESTREPO, Eduardo ¿Quién imagina la independencia? A propósito de la celebración del bicentenario en Colombia. **Nómadas**, Bogotá, n.33, p. 69-77, jul./dez. 2010.

⁷ Sobre o conceito de “políticas raciais racistas” ver a tese supracitada, especialmente o capítulo 1.

população colombiana tinha um duplo significado: primeiro, frear drasticamente o quantitativo de negros, mestiços e indígenas (as chamadas “raças inferiores e degeneradas”, de acordo com os postulados racistas em voga nos meios intelectuais) e, segundo, impulsionar os valores do “progresso” e da “civilização”. Em uma palavra: *modernidade* significava neste contexto embranquecer o povo, física e culturalmente.

Portanto, embranquecimento e modernidade eram termos que caminhavam juntos no imaginário das elites, sinônimos, ganhando corpo em diversas práticas institucionais adotadas pelo nascente Estado colombiano.

As semelhanças com a realidade brasileira nas décadas finais do século XIX são diversas, desde a execração do patrimônio cultural e civilizacional negro-africano e dos povos indígenas até a bestialização e animalização desses grupos. Com poucas exceções, negros e indígenas eram representados e tratados como selvagens, bárbaros, brutos, insolentes, ignorantes, preguiçosos e, conseqüentemente, como entraves ao processo de modernização e progresso de ambos os países.

Com base nas teorias racistas importadas da Europa e em plena circulação nos principais meios intelectuais e políticos da época, desenvolveu-se a ideia de que a mestiçagem visando embranquecer a população poderia ser a solução para o “problema racial” que os atormentava. Os mestiços foram inicialmente considerados inferiores aos brancos em termos de capacidades intelectuais, morais e éticas. No entanto, frente ao fato de que a maior parte da população resultava de diferentes mestiçagens (de brancos e negros, de negros e indígenas e de indígenas e brancos), argumentos ancorados no determinismo climático e biológico foram utilizados para valorizar os benefícios da mestiçagem do ponto de vista da adaptação e aclimatação dos europeus nos trópicos, dando lugar a um discurso de aceitação e legitimidade dos mestiços como colombianos por excelência. Ainda assim, mestiços de pele clara e de pele escura eram valorados e incorporados diferentemente no modelo de estratificação racial colombiano. Os primeiros eram considerados mais próximos dos brancos enquanto os últimos eram facilmente associados aos negros, grupo que deveria ser eliminado pela

intensificação da mestiçagem com os brancos europeus. O fato era que o racismo atingia e gerava consequências diversas para todos os não-brancos, relativizando os mecanismos de valorização da mestiçagem interracial.

O imaginário em torno da “nación mestiza” – teve importante papel na constituição dos movimentos negros colombianos, gerando significativos obstáculos em termos da mobilização coletiva deste segmento por uma identidade racial comum. Aproveitando-se do relativo sucesso da politização étnica dos indígenas por demandas específicas frente às instituições do Estado, tais como demarcação de territórios, preservação de tradições culturais, educação diferenciada, diversas organizações negras⁸ começam a surgir no espaço público em meados dos anos de 1970 e 1980, especialmente na região do Pacífico onde mais de 80% dos afrocolombianos do país residem. Organizações como o *Centro para Investigación e Desenvolvimento da Cultura Negra*⁹ – CIDCUN; a *Fundação Colombiana de Investigações Folclóricas e Centro de Estudos Afrocolombianos*,¹⁰ fundada por Manuel Zapata Olivella; o *Centro de Estudos “Frantz Fanon”*; o *Círculo de Estudos da Problemática das Comunidades Negras*¹¹ - SOWETO, organização de estudantes afrocolombianos solidários com o movimento *anti-apartheid* da África do Sul e o *Movimento Nacional pelos Direitos das Comunidades Negras*,¹² dirigido por Juan de Dios Mosquera e popularmente conhecido como *Movimento Cimarrón* (para citar alguns), surgiram neste período revelando ao mesmo tempo tanto uma diversidade regional quanto em termos de nichos distintos de atuação.

A emergência dos movimentos negros colombianos mantém uma forte correlação com as dinâmicas internacionais de fins dos anos 60 e década de 70 de luta por libertação nacional dos povos africanos e o *Movimento Pelos Direitos Cívicos* dos Estados Unidos. Organizações do movimento negro estadunidense como os *Black Panthers* e o *NAACP* - Associação Nacional para o Progresso de Pessoas de

⁸ No terceiro capítulo da minha tese intitulado “Estado, mudança institucional e a formação dos movimentos negros na Colômbia”, desenvolvo melhor este argumento.

⁹ Em espanhol El Centro para la Investigación y Desarrollo de la Cultura Negra. Tradução do autor.

¹⁰ Em espanhol Fundación colombiana de investigaciones folclóricas y centro de estudios afrocolombianos.

¹¹ *Círculo de Estudios de la Problemática de las Comunidades Negras de Colombia*

¹² *Movimiento Nacional por los Derechos de las Comunidades Negras*.

Cor e lideranças políticas como Martin Luther King e Malcolm X rapidamente transformaram-se em referências de luta contra o racismo e a exclusão racial. Uma ativista negra da cidade de Nãrino traduziu bem esta correlação ao afirmar que

A finales de los años 60 llegó a Buenaventura alguna influencia de la lucha de los negros en Estados Unidos. Cuando la muerte de Luther King aquí se organizaron grupos de discusión y algunos se fueron vinculando a ese discurso. Hubo contactos con negros de Estados Unidos que llegaban al Puerto (Buenaventura). En la época de Malcolm X y de los "Black Panthers", aquí hubo un grupo que se llamó «Black Power» inspirado en la idea de Carmichael. Pero el que dañó el futuro de eso fue Colón Caicedo. El grupo estaba formado por estudiantes y trabajadores portuarios. Lo primero que se buscó fue aumentar la autoestima y la identidad. Lo que falló fue que se trató de implantar aquí con el mismo modelo de allá y aquí la problemática del negro es diferente. Yo recuerdo que aquí venía un negro gringo a darnos charlas. Era el hermano Joseph, quien era evangélico. Luego se formaron peleas acá entre los que apoyaban a los evangélicos de la línea de Luther King y los musulmanes de la línea de Malcom X. Colón Caicedo forma parte de esos grupos. El hablaba en el concejo municipal de la « raza negra » y de que el partido liberal era el partido de los negros del Pacífico. Como él era el mejor posicionado de los negros que participaban en esos grupos siempre tuvo el liderazgo. Colón utilizó este movimiento para recoger votos. Luego él mismo se encargó de desbaratarlos cuando vio que no los podía controlar. Toda la gente que nos aproximamos a eso nos disgregamos y solo quedaron motivaciones individuales. Algunos serían después de Soweto y Cimarrón. A mi me sacó corriendo de allí la politiquería y la demagogia de Colón. Luego no quise trabajar más con ese tipo de proyectos" (Gladis de Nariño, Buenaventura, 1999).¹³

Semelhanças e diferenças com o Brasil são notórias. No caso brasileiro, o incentivo às políticas de imigração de europeus para embranquecer os "nacionais" possuía praticamente os mesmos propósitos que no caso colombiano. Em meados dos anos de 1930, após tentativas fracassadas de apagar de vez a presença africana no país, as elites político-intelectuais passam a adotar o discurso da mestiçagem como alternativa ao "problema racial" brasileiro, justificando e legitimando o que ficou conhecido como "mito da democracia racial". Autoridades e figuras públicas brasileiras do início do século XX não concordavam facilmente da acusação de

¹³ Citado em AGUDELO, Carlos Efrén. **Populations noires et action politique dans le Pacifique colombien. Paradoxes d'une inclusion ambiguë.** 2002. Tese (Doutorado) - Institut des Hautes études de l'Amérique latine, Université Paris III, Paris, 2002. p. 122.

racistas. Na realidade, entendiam que a suposta ausência de “preconceito de cor” era um tipo de valor das relações sociais brasileiras, marcadas pela cordialidade e aceitação mútua. Contudo, o racismo contra negros, judeus, árabes e asiáticos¹⁴ eram largamente praticados no dia a dia, particularmente em cidades mais urbanizadas.¹⁵

Concomitante a ideia de negação do racismo, tem-se ao mesmo tempo a construção do mito da não violência presentes nas relações sociais. Apesar das propagandas feitas no exterior por diplomatas brasileiros de um país racialmente harmonioso e, portanto, não conflitivo, grupos de afro-americanos planejaram imigrar para o Brasil, cansados da segregação racial e das perseguições de organizações como a *Ku Klux Klan*. A imprensa negra que circulava em cidades como Chicago, Nova York e Filadélfia em jornais como *The Crisis*, *Chicago Defender* e *Baltimore Afro-American* desempenhou um papel importante na disseminação do mito de um Brasil sem racismo e não violento, motivando e mobilizando estes grupos a imigrar principalmente para regiões como o Centro Oeste e Norte do país na esperança de encontrar as condições ideais que tanto almejavam.¹⁶ terra, investimentos, tolerância racial e prosperidade econômica.¹⁷

A ideologia de harmonia racial do Estado brasileiro logo revelou sua verdadeira face. O Ministério das Relações Exteriores criou todo tipo de dificuldade para a imigração dos afro-americanos, chegando a burlar o acordo comercial que permitia a livre circulação entre cidadãos de ambos os países. O problema era exatamente esse: os negros não eram cidadãos nem lá, tampouco aqui. Chineses, árabes, judeus e japoneses e outros grupos também foram taxados como "imigrantes indesejáveis" pelas autoridades brasileiras, considerados um perigo

¹⁴ Nas décadas finais do século XIX e até meados dos anos de 1930, milhares de imigrantes de origem asiática aportaram nas cidades brasileiras, especialmente japoneses e chineses. Do mesmo modo, sírios, libaneses, turcos e outros grupos do Oriente Médio chegavam em cidades como Rio de Janeiro e São Paulo. Todos estes grupos sofreram preconceito e racismo.

¹⁵ LESSER, Jeffrey. A negociação da identidade nacional. São Paulo: Unesp, 2001.

¹⁶ Desenvolvo melhor este argumento na tese supracitada. Para uma discussão pormenorizada desta discussão ver MELO, Thiago. Problemas no Paraíso: a democracia racial brasileira frente à imigração afro-americana (1921). *Estudos Afro-Asiáticos*, v. 25, n. 2, p. 307-331, 2003.

¹⁷ MELO, Op. Cit.

em um país que festejava a mestiçagem menos como valor autêntico e mais como estratégia de embranquecimento físico, cultural e mental de sua população.¹⁸

Imigração e Embranquecimento

A história política da Colômbia entre fins do século XIX e as primeiras décadas do século XX revelam uma série de semelhanças com o Brasil daquele período. As elites político-intelectuais colombianas condenaram com veemência a imigração de trabalhadores e colonos não-europeus. Para o imaginário dominante, somente imigrantes brancos e, dentre estes preferencialmente os nórdicos, seriam capazes de impulsionar o país em direção ao “progresso”.

As políticas de imigração expressavam “políticas raciais racistas”, ou seja, um conjunto de mecanismos institucionais que foram utilizados como instrumentos de seletividade e preferência dos tipos raciais desejados para construir a nação colombiana contra aqueles vistos como prejudiciais e potencialmente perigosos ao “corpo nacional”. Os europeus ocupavam o topo dessa hierarquia racial, já que vistos como mais civilizados, inteligentes, engenhosos e laborais do que asiáticos, árabes e africanos. Estes últimos considerados selvagens, ignorantes, brutos e preguiçosos. Portanto, as políticas seletivas de imigração irão fundamentar um tipo *sui generis* de “formação racial” tanto na Colômbia quanto em outros países da América Latina, em especial o Brasil.

A reflexão sobre as identidades sociais e *formação nacional* dificilmente seria compreensível sem antes levarmos em consideração o *pensamento racial*¹⁹ desenvolvido em fins do século XIX e as primeiras décadas do século XX. A formação nacional caracterizou-se fundamentalmente por um tipo de “política

¹⁸ LESSER, Op. Cit.

¹⁹ O “pensamento racial” que nos referimos aqui pode ser visto como um conjunto de ideias e valores com base na noção biológica de “raça” que resultam em práticas sociais específicas, como a eugenia. No contexto colombiano de fins do século XIX e início do século XX, o pensamento racial tem por base o racialismo e as teorias racistas importadas da Europa pelas elites intelectuais para explicar as hierarquias existentes entre brancos e não-brancos.

racial” construída por estas elites político-intelectuais como um tipo de “colonialidade do poder”.²⁰

O processo histórico que resultou na formação nacional colombiana utilizou-se largamente de práticas sociais, higienistas e eugênicas de racialização das identidades sociais expresso principalmente pela “política racial” do período assinalado. A imaginação nacional resultante do pensamento racial defendido – e também criticado – por membros das elites dominantes irá alicerçar o “processo de formação racial”.²¹ Nesta perspectiva, cada formação nacional teve como substrato uma formação racial específica. É caracterizada por processos históricos e sociais em que uma tipologia racial e étnica é construída e frequentemente transformada, a depender dos interesses em jogo. Contudo, é o Estado nacional que configura a formação racial de um dado país por meio de práticas institucionais, legislativas, decretos e leis. Jean Rahier²² destaca que a mestiçagem e o mito da democracia racial foram (e continuam a ser) largamente operacionalizados em vários países da América Latina como parte das “imaginações dominantes” em torno da construção de identidades nacionais racializadas.²³

Michael Omi e Howard Winant analisaram o papel da formação racial como um processo histórico.²⁴ Processo este que pode ser datado desde a colonização dos europeus nos países americanos no qual uma intensa racialização foi imposta aos indígenas e africanos escravizados. Como resultado e *modus operandi* do sistema, os recursos econômicos, sociais e políticos passam a ser distribuídos de maneira desigual para os grupos a partir das linhas de cor. Apesar da competição e escassez de recursos materiais típicos de sociedades em formação, aos “brancos” eram garantidos certas vantagens frequentemente negadas aos “não-brancos”.

²⁰ QUIJANO, Anibal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, Edgardo (org). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas**, Ciudad Autónoma de Buenos Aires: 2005. Colección Sur Sur, CLACSO.; VÉLEZ, Álvaro Villegas. Nación y alteridad en Colombia: la población negra y la colonialidad del poder. **Revista Colombiana de Antropología**, v. 44, n. 1, p. 71-94, 2008. p. 88.

²¹ OMI, Michael; WINANT, Howard. Op. Cit.

²² RAHIER, Op. Cit.

²³ RAHIER, Op. Cit.

²⁴ OMI, Michael; WINANT, Howard. Op. Cit.

Para Omi e Winant as “formações sociais estruturadas racialmente”, ou seja, a “formação racial” propriamente dita pode ser definida como

(...) um processo sócio histórico pelo qual categorias raciais são criadas, habitadas, transformadas e destruídas”. E ao mesmo tempo consiste em um “processo de projetos historicamente situados nos quais corpos humanos e estruturas sociais são representados e organizados.²⁵ (Tradução do inglês do autor).

Ainda que sob forte influência da história política do racismo institucional estadunidense, a abrangência da análise parece-me útil para iluminar a especificidade do contexto latino-americano e auxiliar no entendimento das disputas dos projetos de nação encenados ao sul do Equador.

Outro aspecto fundamental para uma crítica da influência do racismo nas ideologias nacionais é a própria reflexão sobre os significados e sentidos de nação sustentados pelas elites político-intelectuais dos países analisados. Seguindo um velho clichê, nação é uma espécie de tradução inexata do somatório de território, língua, cultura e povo. Mais que isso. Conforme nos mostrou Benedict Anderson, nações são *comunidades imaginadas*. Imagina-se ou arquiteta-se o que a ideologia e os valores dos porta-vozes de uma dada nação ditam ou tentam ditar: como esta deveria ser; quem poderá ou não participar desta e por quanto tempo. As preocupações e inquietações com os rumos de uma nação sempre foram tributados as suas elites, sejam estas políticas, econômicas e/ou intelectuais. De quando em vez, anseios populares tentaram tomar esse lugar da imaginação nacional para si. Frequentemente sem sucesso.

Intelectuais e políticos, tanto conservadores quanto republicanos, tais como Miguel Jiménez López, Jorge Bejarano, Luiz López de Mesa – para citarmos alguns - defenderam em seus escritos e discursos o que entendiam como obstáculo e incompatibilidade para a construção de uma nação moderna e progressista: a heterogeneidade racial e étnica presente no povo colombiano. Para estes intelectuais, a “raça colombiana” carecia de atributos e qualidades mínimas para o

²⁵ OMI, Michael; WINANT, Howard. Op. Cit., p. 55-56.

desenvolvimento do país.²⁶ A chamada “degenerescência racial” parecia seguir *pari passu* com a degradação moral, intelectual e física dos colombianos. Como garantir soberania, estabilidade e ordem política em um país marcado por “mestiços degenerados”? Como fazer surgir daí uma nação competitiva e alinhada com as principais potências mundiais da época sob a ameaça de “poluição” da “raça colombiana”²⁷ pelo “sangue de africanos e indígenas”? Que nação e sociedade seriam possíveis, enfim, a partir deste tipo de configuração étnica e racial?

Portanto, a heterogeneidade racial e étnica do povo colombiano, considerada um problema de soberania nacional e posta como preocupação suprapartidária pelas elites político-intelectuais, deveria ser resolvida por meio das políticas imigratórias. Os imigrantes deveriam ser provenientes da Europa, já que ali habitavam os membros das “raças superiores” e considerados os mais aptos e adequados à tarefa de povoar, impulsionar e gerenciar o desenvolvimento do país. Na realidade, tais políticas serviam para acelerar o processo de branqueamento do país, auxiliado pelas ciências médicas, biológicas e pela antropologia determinista, diretamente influenciada pelo pensamento eugênico em voga nas primeiras décadas do século XX.²⁸ Portanto, tem-se aí os fundamentos de uma “política racial racista”, corroborada e defendida por políticos, intelectuais, literatos e todo tipo de cientistas (médicos, biólogos, geógrafos).

Através das lentes das elites político-intelectuais colombianas, negros, indígenas, mestiços e mulatos foram acusados de serem os principais responsáveis pelo atraso social e econômico do país. Mais que isso. A presença destes significava um problema de ordem racial, moral e política, já que lhes era atribuído o caráter de instáveis, desajustados e perturbadores do ordenamento social e político. Sublinhe-se o fato de que “raça, moral e política” geralmente caminhavam juntos na explicação e justificação de um tipo de “política racial” diferenciada.

²⁶ VÉLEZ, Álvaro Villegas. Raza y nación en el pensamiento de Luis López de Mesa: Colombia, 1920-1940. **Estudios Políticos**, Medellín, n. 26, p. 209-232, enero-junio 2005. p. 213.

²⁷ Restrepo chama a atenção para os vários significados que o termo “raça” adquire para os intelectuais de fins do século XIX e das primeiras décadas do século XX. Para uma discussão sobre as “noções de raça” feitas pelo autor ver RESTREPO, Eduardo. Imágenes del “negro” y nociones de raza en Colombia a principios del siglo XX. **Revista de Estudios Sociales**, n. 27, p. 46-61, 2007.

²⁸ STEPAN, Nancy. **A Hora da Eugenia: raça, gênero e nação na América Latina**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2005.

Como resolver tal impasse? A mestiçagem foi transformada em mecanismo de controle e eliminação da herança africana no país. O incentivo a mistura entre as “raças” seria a via mais racional e lógica para criar no futuro uma nação racialmente homogênea, uniforme e europeizada ao máximo, cujo predomínio fenotípico deveria ser, necessariamente, branco.

O papel das elites político-intelectuais na “ordem racial” colombiana

A história do processo de *formação racial colombiano*, desde meados do século XIX até meados dos anos de 1940 do século XX, guarda semelhanças, convergências e diferenças substantivas com a *formação racial brasileira*. O papel exercido pelas elites político-intelectuais de ambos os países foi fundamental na constituição do projeto nacional que tinham em mente e que tentaram levar a cabo até as últimas consequências, ainda que tenham fracassado em grande medida.²⁹ Com o fim do trabalho escravo e a necessidade de impulsionar a economia e o desenvolvimento nacional, as elites de ambos os países puseram a si mesmas a seguinte questão: como compatibilizar desenvolvimento e modernização com a presença massiva de “negros, mulatos e mestiços” em suas populações? Em outros termos, qual o caminho para resolver o dilema representado pela presença secular e extensiva de populações não-brancas vistas como atrasadas, indolentes e racialmente inferiores?

As primeiras décadas do século XX foram especialmente propícias para a reflexão sobre a dualidade das ideias de *nação e raça*. Vários intelectuais, literatos e políticos colombianos debateram intensamente os dilemas e inquietações postos no horizonte político do país que envolvia essa dualidade. Apesar de inúmeras divergências ideológicas e diferentes posições substantivas quanto aos caminhos que deveriam ser seguidos, praticamente todos eles convergiam para a ideia de que a “solução” para o problema da construção nacional passava inevitavelmente pela europeização de suas sociedades. Europeização em seu sentido mais abrangente, abarcando não somente a dimensão biológica da população quanto à

²⁹ ANDREWS, George Andrews. **Afro-Latin America** (1800-2000). New York: Oxford University Press, 2004.

dimensão cultural e estética, ou seja, era preciso assemelhar-se aos europeus do ponto de vista cultural e físico.³⁰ Sob forte e decisiva influência do racismo científico, do darwinismo social, do determinismo biológico e climático vaticinavam que o branqueamento populacional por meio da importação de imigrantes europeus – brancos, portanto – e através da “ciência eugênica” seria a alternativa mais racional, lógica e compatível com tal tarefa.³¹

Uma interessante análise é feita por Peter Wade sobre os processos de embranquecimento na Colômbia, dividida em duas perspectivas: 1) na ideologia democrática expressa no lema “somos todos mestiços”, fórmula que serviu como amálgama para os nacionalismos latino-americanos durante largo tempo; 2) por outro lado, a ideologia que discrimina os mestiços entre mais claros e mais escuros, sendo que quanto mais escuro mais próximo da imagem que se tinha de *negro*, logo, menos desejável como candidato a cidadão e quanto mais claro, mais próximo da representação hegemônica do branco.³²

Em outra perspectiva, McGraw³³ afirma que o discurso eugênico – marcado pela ênfase na educação social, o controle e a purificação social - converteu-se de luta contra a degeneração racial em um dever patriótico. Miguel Jimenez López em sua obra mais influente, *“Nuestras razas decaen: algunos signos de la degeneración colectiva en Colombia y en los países similares. El debate actual de la ciencia”*, de 1920, propõe veementemente a imigração europeia de trabalhadores brancos como única solução possível para o que via como degeneração física, moral e intelectual da Colômbia e dos colombianos. Jimenez López acreditava que seus contemporâneos eram racialmente inferiores aos seus antepassados dos tempos coloniais. Sendo assim, somente a imigração europeia seria capaz de frear a

³⁰ Idem.

³¹ VANEGAS, Julio Arias. Seres, cuerpos y espíritus del clima, ¿pensamiento racial en la obra de Francisco José de Caldas? **Revista de Estudios Sociales**, Bogotá, n. 27, p. 16-30, 2007.; CASTRO-GÓMEZ, Santiago. ¿Disciplinar o poblar? La intelectualidad colombiana frente a la biopolítica (1904-1934). **Nómadas**, n. 26, p. 44-55, 2007.; MATOMA, María Angelica. La política internacional migratoria colombiana principios del siglo XX. **Mem.soc**, Bogotá (Colombia), v. 13, n. 26, p. 7-17, enero – junio, 2009.; Caribe colombiano, 1900-1930. **Revista de Estudios Sociales**, Bogotá, n. 27, p. 62-75, 2007.; VÉLEZ, Álvaro Villegas. Raza y nación... Op. Cit.; ANDREWS, Op. Cit.

³² WADE, Peter. El movimiento negro en Colombia. **América Negra**, v. 5, p. 173-191, 1993. p. 42.

³³ MCGRAW, Jason. Purificar la Nación: eugenesia, higiene y renovación moral-racial de la periferia del Caribe colombiano, 1900-1930. **Revista de Estudios Sociales**, Bogotá, n. 27, p. 62-75, 2007. p. 64.

continuidade desse “ciclo vicioso”. Conforme ressalta Vélez,³⁴ nem todos os membros da elite político-intelectual colombiana concordavam com a tese da degenerescência racial. Intelectuais como Calixto Torres Umaña, Jorge Bejarano, Lucas Caballero, Luis López de Mesa e Simón Araujo, sustentavam outros pontos de vista sobre a questão, ainda que todos partilhassem a hierarquia racial típica daquele contexto.³⁵

Articelistas e formadores de opinião escreviam para a *Revista Moderna y Cultura* sobre os perigos e riscos da decadência nacional caso medidas como as políticas de imigração de europeus não fossem adotadas com o rigor necessário para frear o avanço das “raças inferiores”. Vélez, ao analisar o pensamento racial do início do século XX sublinha que, para intelectuais como Jiménez López, a imigração com o propósito de barrar a degeneração racial coletiva deveria estar calcada em uma hierarquia mesmo entre os europeus cujos principais representantes seriam os suíços, belgas, holandeses e alemães do sul, vistos como fortes e mais aptos para o trabalho e capazes de transmitir qualidades raciais determinadas à “raça colombiana”.³⁶

Neste sentido, as políticas de embranquecimento – largamente incentivadas por meio de incentivos financeiros e políticas estatais, praticados também no caso brasileiro - vinculavam-se perfeitamente à ideologia da mestiçagem racial, ou seja, um meticuloso plano de clarear gradativamente os “nacionais” para que estes viessem a se tornar inteiramente “brancos” e, de acordo com esta perspectiva, mais promissores para a nação que se projetava e imaginava. Branqueamento e mestiçagem são conceitos analíticos que carregam profundas similitudes no contexto latino americano e colombiano em especial. Para a ideologia da construção do Estado-nação colombiano ambas as ideias foram essenciais para

³⁴ VÉLEZ, Álvaro Villegas. Nación, intelectuales de elite y representaciones de degeneración y regeneración, Colombia, 1906-1937. **España Iberoamericana. America Latina - Espana - Portugal**, v.28, p.7 - 24, 2007.

³⁵ VÉLEZ, Álvaro Villegas. Nación, intelectuales de elite... Op. Cit., p. 13.

³⁶ VÉLEZ, Álvaro Villegas. Raza y nación en... Op. Cit., p. 213; ____. Nación, intelectuales de elite... Op. Cit., p. 12-13.

solidificar o lugar da Colômbia no rol dos países “civilizados” e em desenvolvimento.³⁷

O incentivo estatal à imigração europeia visando o embranquecimento parece ter sido uma das principais marcas da política racial praticada nas Américas no período republicano. Brasil, Argentina, Venezuela e outras nações adotaram claramente políticas deste tipo.³⁸ Na Colômbia, conforme Wade, o branqueamento via importação de europeus também foi uma política oficial fortemente incentivada por suas elites. Um cônsul britânico, em viagem pelo país no ano de 1824, atestava que

(...) a preponderância de sangue africano ao largo desta muito extensa linha da costa [o litoral Atlântico] em tempos agitados como o presente, não pode deixar de provocar sérias reflexões neste país. Aqueles no poder [...] sentem a grande importância das conveniências de convidar europeus a estabelecer residência na Colômbia [...] onde seus descendentes deviam melhorar as qualidades físicas e morais dos colombianos.³⁹

O branqueamento visava o suposto melhoramento das qualidades físicas e morais dos colombianos, ameaçado pela mestiçagem largamente praticada no cotidiano de sua população. Wade chama a atenção que além da perspectiva do “melhoramento racial”, o incentivo estatal para a imigração de brancos europeus servia também ao propósito de amenizar a chamada “luta de raças”. A projeção de um país totalmente embranquecido com “sangue europeu” era a certeza de uma nação que marchava “rumo ao progresso” e ao desenvolvimento social. Pelo menos essa era a ideia que permeava boa parte dos intelectuais e políticos colombianos de então.

Marcante nas formações raciais latino-americanas, os projetos de branqueamento e/ou mestiçagem populacional como mecanismo de resolução do contato racial entre europeus, africanos e indígenas foram recorrentes. A influência das ideologias racistas em voga no continente europeu inculcavam a

³⁷ WADE, Peter. Repensando el Mestizaje. *Revista Colombiana de Antropología*, v. 39, p. 273-296, enero-diciembre, 2003.; RAHIER, Op. Cit.

³⁸ ANDREWS, Op. Cit.

³⁹ HUMPHREYS, 1940, p. 267. *apud* WADE, Peter. Repensando el Mestizaje... Op. Cit.

ideia de que o progresso material e econômico de suas sociedades deveria, inevitavelmente, passar pela subtração ou mesmo diluição do “sangue” de africanos e indígenas do “corpo nacional”. Como já assinalado, nas primeiras décadas do século XX as elites político-intelectuais colombianas sofriam enorme influência das teorias eugênicas que associavam a fragmentação social, doenças e enfermidades contagiosas com as características raciais, portanto, degeneradas da nação.⁴⁰ Vista como “medicalização do mundo social”, a eugenia foi debatida com o objetivo de evitar o que qualificavam como a degradação racial e, conseqüentemente, moral e civilizacional da sociedade. McGraw⁴¹ neste sentido afirma que

al vincular las ideas de contaminación racial, decaimiento moral y enfermedad, la eugenesia pretendía exponer los problemas de la falta de orden entre los cuerpos y dentro de las regiones, a la vez que ofrecía soluciones a esos mismos problemas.⁴²

Para os pensadores eugenistas colombianos, mais do que um processo de transformação visando à homogeneização do povo, a eugenia significava construir “cidadãos saudáveis”, para isso era preciso proteger-se contra a *diferença negativa* presente no corpo da nação.⁴³ Conforme apontado por López de Mesa

[h]oy sube, lenta e indetenible, la sangre africana por las venas de nuestros ríos hacia las venas de nuestra raza.⁴⁴

As citações referentes aos africanos e indígenas estão cheias de alusões médico-biológicas tais como poluição, contaminação e transfusão sanguínea. Ainda que não mencione exatamente qual, o “nuestra raza” a que se refere López de Mesa certamente alude a “raça branca” que entendia fazer parte e cujo desejo era o de “melhorá-la” por meio da eugenia. O psiquiatra, ministro e membro do Diretório Nacional do Partido Conservador, Miguel Jiménez López, em discurso durante o

⁴⁰ MCGRAW, Op. Cit.

⁴¹ Idem

⁴² Ibidem. p. 64.

⁴³ Ibidem. p. 66.

⁴⁴ Apud MCGRAW, Op. Cit., p. 66.

Terceiro Congresso de Medicina da Colômbia em 1918, tentava compreender tais dilemas ao questionar-se:

¿Existe hoy en nuestro país un estado de degeneración colectiva?
¿Somos, en otros términos, un agregado social en que los atributos de las razas originarias hayan marcha hacia un desarrollo progresivo, o bien ellos se han mantenido estacionarios o, por el contrario, la capacidad vital y productora de los progenitores ha sufrido una regresión en el decurso de nuestra existencia colectiva? ¿Desde un punto de vista estrictamente biológico, nuestro país y los países similares, analizados en el actual momento de su historia avanzan, se estacionan o retroceden?.⁴⁵

Nesta mesma perspectiva, durante o *Terceiro Congresso e sua Memória*, realizado em janeiro de 1928, em Cartagena, Jimenez López, a esta altura considerado um dos principais porta-vozes do pensamento racial de sua época, afirmava na já citada “Nuestras razas decaen” que evidências e traços de natureza psíquica e física presentes na população colombiana atestavam o “adiantado” processo de degeneração racial.⁴⁶ As imagens dos e sobre os negros pelas elites intelectuais continham representações essencialmente negativas sobre a relação entre nação e raça. Jorge Bejarano, por exemplo, assim se expressava sobre os negros:

Duros y resistentes a la acción deletérea de nuestros climas tropicales; ágiles y rápidos para surcar los ríos; aptos para el laboreo de las minas y para los menesteres agrícolas; fecundos con asombrosidad cuando viven bajo climas convenientes, los negros se multiplicaron por efecto de la generación y de la intensa introducción de ellos, con rapidez que sobrepasó a todo lo imaginado [...] La raza negra, favorecida por el sol tropical, por sus costumbres salvajes y por su escasa intelectualidad y moralidad, se reprodujo prodigiosamente y pobló las extensas comarcas de nuestros valles y ríos.⁴⁷

Em uma mesma perspectiva, José Maria Samper, considerado um dos mais influentes intelectuais e eugenistas colombianos do final do século XIX, expressava assim seu ponto de vista:

⁴⁵ *Apud* VÉLEZ, Álvaro Villegas. Nación, intelectuales de elite... Op. Cit., p. 11.

⁴⁶ RESTREPO, Eduardo. Imágenes del “negro”... Op. Cit., p. 47.

⁴⁷ *Apud* RESTREPO, Eduardo. Imágenes del “negro”... Op. Cit., p. 49.

lá [i.e., na balsa] o homem primitivo, tosco, brutal, indolente, semisselvagem e tostado pelo sol tropical, o boga colombiano, com toda sua insolência, com seu fanatismo estúpido, sua covarde petulância, sua indolência incrível e seu cinismo de linguagem, filhos mais da ignorância do que da corrupção; e mais aqui [i.e., no navio a vapor] o europeu, ativo, inteligente, branco e elegante, muitas vezes loiro, com seu olhar penetrante e poético, sua linguagem vibrante e rápida, sua elevação de espírito, suas formas sempre distintas [...] o boga, descendente da África e filho do cruzamento de raças envelhecidas pela tirania, não tem quase da humanidade, exceto a forma exterior e as necessidades e forças primitivas [...] O boga de Magdalena não é mais que um bruto que fala muitíssimo mal, sempre impudico, carnal, insolente, ladrão e covarde.⁴⁸

Os prognósticos sobre o futuro nacional expresso por esta elite, frequentemente vinculavam o racismo anti-negro a uma geografia e ecologia racial calcadas no determinismo climático e ambiental. Para muitos desses intelectuais os negros adequavam-se mais ao clima quente e “tórrido” dos trópicos, onde a suposta relação existente entre desenvolvimento cognitivo e temperatura ambiente constituía-se em fator mais do que suficiente de limitação intelectual dos negros, enquanto que para os brancos a relação era inversa, já que acostumados às regiões temperadas. Geografia, condições climáticas e adaptabilidade racial foram constantemente associadas à composição da população. A mestiçagem e a variedade racial eram vistas como mecanismos de adaptação ao meio ambiente tropical e as próprias condições da democracia na região. O “sangue africano” representava uma ameaça concreta para a ordem e o desenvolvimento político-social do país. Intelectuais como Miguel Jiménez López apontavam que

una ola de sangre de color oscurece de día en día nuestra población, imprimiéndole a la vez sus rasgos morfológicos y sus reacciones morales...La raza negra, producto genuino del Trópico, está llamada a prosperar en él con sus caracteres particulares; las razas diferentes de la negra, refractarias a los rigores tórridos, irán cediendo cada día: el resultado final no es dudoso.⁴⁹

⁴⁸ WADE, Peter. Repensando el Mestizaje... Op. Cit., p. 59.

⁴⁹ *Apud* RESTREPO, Eduardo. Imágenes del “negro”... Op. Cit., p. 48.

López de Mesa temia que a mistura racial entre “sangres empobrecidos e raças inferiores” traria consigo fatalidades e erros praticamente inevitáveis no que se refere ao avanço e desenvolvimento econômico e social do país. Evitar o desastre racial decorrente da mestiçagem para os destinos da nação era visto como tarefa de sua geração. No trecho abaixo o autor expõe claramente tal preocupação, sublinhando que

la mezcla del indígena de la Cordillera Oriental con ese elemento africano y aun con los mulatos que de él deriven, sería un error fatal para el espíritu y la riqueza del país: se sumarían, en lugar de eliminarse, los vicios y defectos de las dos razas, y tendríamos un zambo astuto e indolente, ambicioso y sensual, hipócrita y vanidoso a la vez, amén de ignorante y enfermizo. Esta mezcla de sangres empobrecidas y de culturas inferiores determina productos inadaptables, perturbados, nerviosos, débiles mentales, viciados de locura, de epilepsia, de delito, que llenan los asilos y las cárceles cuando se ponen en contacto con la civilización.⁵⁰

E mais:

porque aquellos núcleos de la raza, heridos de muerte en su mayor parte por la tuberculosis, el paludismo, las bubas, la anemia tropical y algunos otros males de menor importancia, pero igualmente generalizados, son todavía muy numerosos para ser absorbidos impunemente por el resto de la población, ya ampliamente mestizada con el elemento africano o aborígen. La mezcla del indígena de la cordillera Oriental con ese elemento africano y aun con los mulatos que de él deriven sería un error fatal para el espíritu y la riqueza del país: se sumarían, en lugar de eliminarse, los vicios y defectos de las dos razas y tendríamos un zambo astuto e indolente, ambicioso y sensual, hipócrita y vanidoso a la vez, amén de ignorante y enfermizo. Esta mezcla de sangres empobrecidas y de culturas inferiores determina productos inadaptables, perturbados, nerviosos, débiles mentales, viciados de locura, epilepsia, de delito, que llenan los asilos y las cárceles cuando se ponen en contacto con la civilización.⁵¹

Além de ameaça ao futuro do país, a mestiçagem praticada entre membros de “raças inferiores” sinalizava um perigo do ponto de vista do ordenamento e estabilidade social, com sérias consequências ao arranjo político do país.

⁵⁰ Ibidem. p. 52.

⁵¹ Apud VÉLEZ, Álvaro Villegas. Nación y alteridad en... Op. Cit., p. 84.

Intelectuais como Laureano Gómez, López de Mesa e Jimenez López viam a mestiçagem e o mestiço como “corpo estranho”, expondo constantes riscos ao regime político. Laureano Gómez correlacionava a presença dos negros com estados-nação instáveis e frágeis, como por exemplo, o Haiti. Nesse imaginário o mestiço representava uma espécie de caos institucional e, portanto, militava contra todos os esforços de impulsionar o progresso e a democracia, esta última entendida basicamente como ausência de conflitos. Um contraponto a esta ideia foi expresso por Jorge Bejarano que via na mestiçagem um elemento importante para a democracia⁵²

De acordo com Vélez,⁵³ o intelectual colombiano que mais apostava na *mestiçagem como valor* era Luis Enrique Osorio. Para este, os mestiços seriam os únicos capazes de resistir aos dissabores do clima, as intempéries e calamidades naturais. No entanto, sua mestiçagem tinha por meta os mesmos princípios eugênicos correntes na época. Em uma perspectiva contrária, Miguel Jimenez López sustentava uma visão pessimista da mestiçagem. O curso tomado pela mescla racial na Colômbia já havia posto em risco o país e sua composição populacional.⁵⁴ Jimenez López via, porém uma esperança na mestiçagem: que esta fosse realizada simultaneamente ao cultivo da educação, da higiene social e da eugenia tanto positiva quanto preventiva. Portanto, a única saída para o dilema posto era a junção de educação e embranquecimento programado.

Jose María Samper concebia a heterogeneidade racial como problemática e potencialmente perniciosa. Para este a unidade política do país expressava e refletia a configuração racial de sua população e esta, por ser diversa, ameaçava a governabilidade necessária à estabilidade nacional.⁵⁵ Samper questionava se era possível constituir uma sociedade e uma nação suficientemente competitiva e moderna com um povo “pobre, abjeto e ignorante”. E mais, como criar uma ordem social (leia-se com mais exatidão, racial) em um país habitado por um povo

⁵² RESTREPO, Eduardo. Imágenes del “negro”... Op. Cit., p. 53.

⁵³ VÉLEZ, Álvaro Villegas. Nación y alteridad en... Op. Cit.

⁵⁴ Ibidem. p. 57.

⁵⁵ URUEÑA, Jaime. La idea de heterogeneidad racial en el pensamiento político colombiano: una mirada histórica. **Revista Análisis Político**, n. 22, may-ago 1994. p. 5.

(...) secuestrado de la vida universal, embrutecido por la tiranía, sujeto a la influencia perniciosa de la sotana y de la esclavitud, sin comercio, sin artes, sin escuelas, sin costumbres fijas ni carácter nacional (...) incapaz de proceder a virtud de un pensamiento radical que encaminase sus movimientos hacia el advenimiento de un orden social enteramente nuevo?⁵⁶

Para muitos intelectuais colombianos do final do século XIX e início do XX, uma nação unitária, com reduzida mestiçagem racial apontava para um futuro de paz e tranquilidade, de progresso e desenvolvimento econômico, social e do “espírito”. A disseminação da mestiçagem ameaçava todo o projeto da *colombianidade*, ou seja, de uma “ordem racial” inscrita na construção da nação. Em 1920, Luis Lopes de Mesa exemplifica bem esse imaginário:

milagroso foi e segue sendo que Colômbia se constitui em unitária e que viva hoje em paz. A anarquia é fruto de tanta heterogeneidade em sua natureza e população.⁵⁷

López de Mesa considerava que os mestiços e mulatos eram menos perniciosos do que negros e indígenas para o projeto nacional que tinha em mente. Em uma perspectiva nitidamente eugenista e evolucionista, o autor apostava que a sucessão de gerações faria com que os “cruzamentos raciais” viessem a produzir indivíduos mais aptos e melhor adaptados socialmente. A mestiçagem com o sentido de embranquecimento eugênico significava um tipo de depuração racial e adequação socioambiental necessárias ao povoamento e “colonização” interna do país. López de Mesa neste sentido sublinha que

los productos de la primera generación del cruzamiento son por lo general medianamente equilibrados, más de segunda y tercera ya se adaptan al terreno y estabilizan funciones dentro de un nivel social y racial más uniforme.⁵⁸

⁵⁶ Ibidem.

⁵⁷ *Apud* VÉLEZ, Álvaro Villegas. Nación y alteridad en... Op. Cit., p. 71.

⁵⁸ *Apud* RESTREPO, Eduardo. Imágenes del “negro”... Op. Cit., p. 52.

Por outro lado, Laureano Gómez sustentava uma visão oposta a de López de Mesa sobre os mestiços. Para o primeiro, “las aberraciones psíquicas de las razas genitoras se agudizan en el mestizo”.⁵⁹ Mais que isso, para o autor os mestiços representavam uma verdadeira ameaça para a unidade política e econômica tanto da Colômbia quanto dos demais países latino americanos.

Para Jiménez López a “degeneração racial” precisava ser freada tanto quanto possível em nome de uma ordem racial pautada no eurocentrismo. Um duplo movimento referente à capacidade da população colombiana de perseguir o “progresso” estava em curso: por um lado, a entrada do país na modernidade, expresso pela acelerada industrialização, urbanização e a resolução das guerras civis internas e, por outro lado, a constante preocupação com a constituição defeituosa tanto moral, física quanto psíquica de seu povo.⁶⁰ A eugenia parecia assim uma excelente alternativa aos dilemas que tiravam o sono das elites.

Conclusão

O embranquecimento via mestiçagem de imigrantes brancos europeus foi visto como um dos mecanismos de correção para o que as elites político-intelectuais colombianas entendiam como degenerescência racial de seu povo. A maior parte dos intelectuais analisados neste trabalho condenavam a mestiçagem e, por conseguinte, os mestiços como ameaças ao ordenamento político e social de fins do século XIX e início do século XX.

As “políticas raciais racistas” expressavam senão em sua totalidade pelo menos em momentos importantes investimentos por parte do Estado na Colômbia em um projeto de modernidade que incluía a negação da presença negro-africana e indígena no país. Mostramos brevemente que tais políticas foram comuns também no Brasil e em outros países da América Latina, deixando como consequências a ideologia da “nación mestiza”, no caso colombiano, e do mito da democracia racial, no caso brasileiro. Do mesmo modo, isso acarretou uma série de entraves e

⁵⁹ *Apud* Ibidem. p. 53.

⁶⁰ VÉLEZ, Álvaro Villegas. *Raza y nación en...* Op. Cit., p. 211.

obstáculos em termos de visibilidade e legitimidade as mobilizações dos movimentos negros na esfera pública e na relação com o Estado.

Atualmente o panorama político de ambos os países é bem diferente no que se refere ao debate racial. O racismo e a discriminação racial continuam a atuar como fatores limitadores de processos de ascensão social e ocupação no mercado de trabalho para negros, indígenas e outros grupos. No entanto, desde pelo menos o início dos anos de 1990 uma série de legislações, medidas, leis e ações estatais de combate a tais práticas foram postas em prática pelas agências estatais em parceria com os movimentos negros de Brasil e Colômbia. Dentre estas destacam-se as políticas de ação afirmativa no ensino superior que, dentre outras razões, tem gerado um amplo e frutífero debate em ambas as sociedades sobre a necessidade de repensar, melhorar e sofisticar políticas públicas de redução de desigualdades raciais e étnicas entre grupos.

Referências:

AGUDELO, Carlos Efrén. **Populations noires et action politique dans le Pacifique colombien. Paradoxes d'une inclusion ambiguë.** 2002. Tese (Doutorado) - Institut des Hautes études de l'Amérique latine, Université Paris III, Paris, 2002.

ANDREWS, George Andrews. **Afro-Latin America (1800-2000).** New York: Oxford University Press, 2004.

CASTRO-GÓMEZ, Santiago. ¿Disciplinar o poblar? La intelectualidad colombiana frente a la biopolítica (1904-1934). **Nómadas**, n. 26, p. 44-55, 2007.

LESSER, Jeffrey. **A negociação da identidade nacional.** São Paulo: Unesp, 2001.

MATOMA, María Angelica. La política internacional migratória colombiana principios del siglo XX. **Mem.soc**, Bogotá (Colombia), v. 13, n. 26, p. 7-17, enero – junio, 2009.

MCGRAW, Jason. Purificar la Nación: eugenesia, higiene y renovación moral-racial de la periferia del Caribe colombiano, 1900-1930. **Revista de Estudios Sociales**, Bogotá, n. 27, p. 62-75, 2007.

MELO, Thiago. Problemas no Paraíso: a democracia racial brasileira frente à imigração afro-americana (1921). **Estudos Afro-Asiáticos**, v. 25, n. 2, p. 307-331, 2003.

OMI, Michael; WINANT, Howard. **Racial Formation in the United States: From the 1960s to the 1990s**. New York: Routledge, 1994. Rev. ed.

QUIJANO, Anibal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, Edgardo (org). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas**, Ciudad Autónoma de Buenos Aires: 2005. Colección Sur Sur, CLACSO.

RAHIER, Jean. The Study of Latin American “Racial Formations”: different approaches and different contexts. **Latin American Research Review**, v. 39, n.3, p. 282-293, 2004.

RESTREPO, Eduardo. Imágenes del “negro” y nociones de raza en Colombia a principios del siglo XX. **Revista de Estudios Sociales**, n. 27, p. 46-61, 2007.

—. ¿Quién imagina la independencia? A propósito de la celebración del bicentenario en Colombia. **Nómadas**, Bogotá, n. 33, p. 69-77, jul./dez. 2010.

STEPAN, Nancy. **A Hora da Eugenia: raça, gênero e nação na América Latina**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2005.

URUEÑA, Jaime. La idea de heterogeneidad racial en el pensamiento político colombiano: una mirada histórica. **Revista Análisis Político**, n. 22, may-ago 1994.

VANEGAS, Julio Arias. Seres, cuerpos y espíritus del clima, ¿pensamiento racial en la obra de Francisco José de Caldas? **Revista de Estudios Sociales**, Bogotá, n. 27, p. 16-30, 2007.

VÉLEZ, Álvaro Villegas. Nación y alteridad en Colombia: la población negra y la colonialidad del poder. **Revista Colombiana de Antropología**, v. 44, n. 1, p. 71-94, 2008.

—. Raza y nación en el pensamiento de Luis López de Mesa: Colombia, 1920-1940. **Estudios Políticos**, Medellín, n. 26, p. 209-232, enero-junio 2005.

—. Nación, intelectuales de elite y representaciones de degeneración y regeneración, Colombia, 1906-1937. **España Iberoamericana. América Latina - España - Portugal**, v.28, p.7 - 24, 2007.

WADE, Peter. El movimiento negro en Colombia. **América Negra**, v. 5, p. 173-191, 1993

—. **Gente negra, nación mestiza: dinámicas de las identidades raciales em Colômbia**. Santafé de Bogotá: Siglo Del Hombre Editores, Ediciones Uniandes, 1997.

—. Repensando el Mestizaje. **Revista Colombiana de Antropología**, v. 39, p. 273-296, enero-diciembre, 2003.